ANNO XIV de "O Povo de Aveiro,, DOMINGO, 12 DE AGOSTO DE 1900 N.º 845 de "O Povo de Aveiro,,

Redacção e administração
R. de S. Martinho
Aveiro

POVO DE AVEIRO

SEMANARIO REPUBLICANO

Officina de impressão
R. de S. Martinho, AVEIRO

EDITOR, João Pinto Evangelista

Numero 52

Assignaturas
AVEIRO—Um anno, 1$200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 1$300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 2$500. Semestre, 1$500 réis (fortes).
PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Publicações
No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Annuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato.
Os srs. assignantes teem desconto de 30 por cento.
NUMERO AVULSO, 30 REIS

1.º Anno

SOBRE A MORTE
DO
Rei de Italia

Mais um crime de sensação. Um crime condemnavel, como todos os crimes. Um crime inutil, como todos tambem, ou quasi todos. *Morto o rei, viva o rei.* Foi-se um, vem outro. Acabaram as instituições? Soffreram mudança? A morte aproveitou, sequer, á propaganda anti-monarchica? Não. E, então, o crime, além de mau, foi estupido.

E' uma verdade que naturalmente se impõe.

Não deixam, porém, de ter curiosidade os commentarios feitos por alguns á morte do desditoso rei Humberto. Segundo o jornal «O Dia» é da liberdade licenciosa, que tem gosado a sociedade moderna, que resulta esse desvairamento que vae até ao assassinato politico por systema. Quer aquelle jornal que vamos á Persia aprender a governar povos e, conseguinte, a impedir os crimes contra a vida dos chefes d'estado.

Segundo o «Popular» os crimes commettidos na China, agora na Italia e em tantos outros pontos, demonstram, afinal, que a humanidade mais tem retrogradado do que caminhado.

A tanto leva a falta de cultura scientifica ou a ligeireza de momento! São aquelles dois periodicos redigidos por dois dos homens mais altamente cotados no mundo intellectual portuguez. E, comtudo, publicam banalidades de simples rabiscadores.

Um até se esqueceu de que tambem foi assassinado o pae do actual reinante da Persia, não havendo, portanto, nada que aprender n'este paiz no que toca á defesa da vida dos chefes do estado.

A morte do rei Humberto, condemnavel e criminosa como a morte de todos os homens em condições identicas, não tem nada de extraordinaria nem tem nada do nosso tempo. Antes é uma herança dos tempos barbaros, um acto de hereditariedade, um producto da educação e da moral monarchica e clerical.

Filial-a na civilisação, ou na liberdade dos tempos modernos, como pretende «O Dia», é um contrasenso. Estranhar que n'este seculo se pratiquem crimes como esse, os da China, os da Armenia, etc, como estranha o «Popular», é uma demonstração de profunda ignorancia.

Lombroso, um italiano illustre, diz logo, e diz bem, nas primeiras paginas do seu notavel livro *Il Delitto Politico e Le Revoluzioni*:

«Grita-se que estamos em grande progresso; façâmos uma carta graphica do progresso no globo e veremos as miseras proporções a que esse progresso fica reduzido. Toda a Africa, póde-se dizer, salvo alguns pontos invadidos pelos arianos, Oceania e uma boa parte da America, estão no estado quasi prehistorico, ou no estado dos grandes imperios asiaticos da primeira epocha historica; ou, então, (como na America do Sul, no Haïti e na Siberia) a civilisação não fez mais do que mudar as apparencias da vida primitiva, substituindo á immobilidade um equilibrio instavel, o que é quasi peior.

Entre nós mesmo, nos paizes mais civilisados, quantos são os individuos que se possam contar como agentes do movimento progressivo?

Quanta barbarie não dominava ainda ha poucos annos na Grecia, na Hespanha, na Croacia, na Sardenha, na Corsega, para não dizermos que domina ainda, nas classes, até, mais illustradas?

Não só os casos continuos e frequentissimos em que o homem é presa das mais violentas paixões, como no tempo do cholera em Italia, dos espiões prussianos em Paris, dos vadios de Decazeville, mostram quanto é superficial e falsa a camada de verniz da nossa civilisação, mas ainda nos tempos calmos o estudo dos costumes dos povos que se dizem civilisados prova que apezar da facilidade de communicações e de relações pouco variamos ainda das epochas barbaras.»

Isto é uma grande verdade. Mas devemos concluir d'ella, como pretende «O Dia», que é necessario retrogradar aos processos do despotismo?

De fórma nenhuma. Pelo contrario, o que devemos é redobrar d'esforços e de trabalho para augmentar a civilisação. E isto não se consegue com processos despoticos.

Não. Obra do despotismo, herança d'elle, do despotismo politico e religioso, são esses crimes, esses attentados que estamos vendo e que todos lamentâmos.

O odio de seita não é do nosso tempo. Vem de longe e refinou nas alcovas dos reis, dos papas, dos cardeaes, dos favoritos e ambiciosos do throno e do altar. O regicidio foi apregoado pelos jesuitas como uma virtude. Foram os jesuitas que armaram o braço de Jacques Clément, de Jean Chatel, de Ravaillac, do duque de Aveiro, de tantos outros. Foram elles que tiraram a vida a Henrique III, a Henrique IV, ao duque de Nassau, ao papa Clemente XIV, a muitos outros, que seria longo enumerar.

As sementes do odio veem do evangelho. Foi no apogeu da religião de Christo que esse odio aqueceu e trasbordou, tornando-se sanguinario e feroz. Foram os ministros de Deus que levaram a ferro e a fogo os albigenses e os valdenses. Foram os jesuitas que prepararam a matança do Saint Barthélemy. Foram os jesuitas que revogaram o edito de Nantes, arrancando aos braços dos protestantes, supremo horror! todos os filhos a partir dos cinco annos.

Os paes resistem e contra essa resistencia envia o religioso rei de França os dragões, d'onde veio o nome de dragonadas com que é conhecida na historia essa grande selvageria de Luiz XIV.

Foram os jesuitas que ergueram o *Quemadero* de Sevilha, que lançaram os christãos novos nas fogueiras do Rocio de Lisboa, que arrancaram, supremo horror! os filhos aos judeus para lh'os converter ao christianismo.

Comtudo, o jesuitismo disfructa hoje em Portugal da mais alta e escandalosa protecção. Com tudo, esse «Dia», esse «Diario Popular», todos esses periodicos monarchicos, os que se horrorisam, e com razão, deante do assassinato do rei de Italia, defendem o jesuitismo e batem palmas á protecção que se lhe está concedendo entre nós.

Não se alteram n'um dia os costumes nem os habitos.

«Uma pancada no cotovello, apanhando o nervo cubital, produz uma dôr, não no logar contundido, mas no dedo minimo e no annular. E' facto analogo ao que succede com um amputado, que sente a porção de membro ausente como se lá estivesse ou soffre dôres na extremidade quando a cicatriz da amputação é irritada. Estes phenomenos de extraordinaria apparencia não são mais que a applicação d'um facto physiologico geral—e é que nós referimos a irritação feita sobre um nervo, não ao ponto irritado, mas ás extremidades periphericas do mesmo nervo. Este facto de projecção, de localisação no espaço, d'um phenomeno que realmente não tem a sua sede, nem no trajecto do nervo, nem na sua extremidade, mas no cerebro, o phenomeno da sensação, *este facto não é senão a consequencia de um longo habito*, vindo por selecção e que a selecção aperfeiçoou e a hereditariedade fixou.» (Miguel Bombarda, *A Consciencia e o Livre Arbitrio.*)

«A terrivel lenda da maldicção, diz outro italiano illustre, A. Mosso, notavel homem de sciencia considerado em todo o mundo culto, a terrivel lenda da maldicção—*La Peur*, ed. fran.—que condemna a innocencia antes de nascer, a benção lançada no futuro sobre as gerações vindouras, não são fabulas vasias de sentido. O destino lega-nos, a cada um de nós, uma hereditariedade fatal. Abandonados na floresta, encerrados n'uma torre, sem guia, sem exemplo, sem luz, a experiencia de nossos paes e de nossos ante-passados os mais remotos revela-se em nós como um sonho mysterioso.

O que nós chamamos instincto é a voz das gerações passadas que resoa como um echo longinquo nas cellulas do systema nervoso. Temos dentro de nós a inspiração, o conselho, a experiencia de todos os homens, desde os que morreram nús nas florestas luctando contra os animaes ferozes, e que se nutriam de fructos selvagens, até ao nosso pae e á nossa mãe que nos transmittem as suas virtudes, a sua coragem, a sua inquietação e a sua ternura.»

Muito bem. Por conseguinte, dentro de nós resoam ainda as vozes de vingança, os gritos de odio feroz que nossos avós e paes fanatisados soltavam perante os desgraçados presos aos postes nas fogueiras ou collocados no alto dos cadafalsos por crimes religiosos e politicos. Foi hontem ainda que as cabeças dos miguelistas appareceram espetadas em postes de pinheiros defronte das casas das victimas, como no mais remoto e barbaro sertão. Foi hontem ainda que os ferros dos liberaes penetraram cheios de odio, nas carnes dos miguelistas vencidos. E' n'este mesmo instante que os jesuitas erguem a voz nas casas de educação e nos pulpitos pedindo o exterminio dos pedreiros livres.

Foi e é assim em Portugal. Foi e é assim em todo o mundo.

Instinctos de ferocidade.

Habitos de guerra.

Educação d'odio.

Não se procuram destruir. Para os destruir, seriam precisos seculos, n'uma educação de paz e amor.

Mas não. Não se procuram destruir. Antes todo o fim é consolidal-os. E' arreigal-os.

Veja-se a propaganda jesuitica que vae no paiz. Veja-se a protecção concedida ao clericalismo, que é o odio, que é a sombra. Veja-se esse jornalista do «Dia» a pedir os processos governativos e repressivos da Persia.

E depois queixam-se de crimes, como esse de que foi victima o mallogrado rei de Italia!

Ha tempos, ia proceder-se a um baptisado e o sachristão que lhe pareceu ser o padrinho homem generoso e com quem podia contar, dirigiu-se a elle e perguntou-lhe:

— V. ex.ª de certo quer o baptisado com capa, não é verdade?

O padrinho, que era um ratão de bom gosto, adivinhando lhe a intenção, respondeu-lhe:

— Como o dinheiro é pouco, faça-o em mangas de camisa, que talvez seja mais barato!

SESSÃO COMMEMORATIVA

Teve logar, no passado sabbado, n'uma das salas do Gremio Aveirense, a sessão promovida pela direcção da Associação Commercial, para commemorar o primeiro anniversario da morte do dr. Edmundo Machado, ex-presidente da referida Associação.

Estava encarregado de fazer o elogio do extincto o sr. dr. Jayme de Magalhães Lima, que se desempenhou dignamente do encargo, produzindo um trabalho que mereceu os applausos do selecto auditorio.

Com sua familia foi passar a epoca calmosa á sua casa de Estarreja, o sr. José Maria do Couto Brandão.

Echos da semana

Não se péga hoje n'um jornal que não nos fale do assassinato do rei Humberto.

Um assassinato é sempre um crime inutil e brutal, mórmente quando praticado nas circumstancias do do rei da Italia.

A persistencia da imprensa em promenorizar tudo quanto se relaciona com o funebre successo, é ao mesmo tempo uma fórma frisante da condemnação do barbaro regicidio e uma prova evidente de que, sejam quaes forem os principios partidarios, a consciencia repelle intensivamente a mais ténue communhão de solidariedade com estes actos de sanguinolenta e inutil violencia.

A morte do rei da Italia foi um regicidio inutil, um crime.

As balas de Bresci puzéram ponto final na existencia de Humberto I.

Eliminaram um homem, aliás pacifico e generoso.

Finou-se uma vida, é verdade, mas não se extingiu uma instituição.

Que lucram, portanto, os libertarios com mais este assassinato brutal?

Sim, que lucram?

Nada.

E eis porque a morte do rei da Italia foi um crime inutil e condemnavel.

Não tem outro nome o acto violento de Bresci.

* * *

Os exercicios das reservas no Rocio são hoje o *clou* da attenção indigena. Alli se reunem quantos se comprazem em contemplar algumas dezenas d'homens fazendo atrapalhadamente evoluções sob a voz possante do commando, ou marchando pacificos, como um bando de creaturas fatigadas, ao som d'um tambor que rufa um compassado e monótono *ran-ran-ran ta-plan*, de trás da capella de S. João.

A nortada rija que n'estes dias tem varrido o local, não impede que n'elle se juntem os admiradores das *grandes manobras*.

Pobres reservistas!

Que massada lhes pregam!

E o mais curioso é que entre elles anda tambem um *theologo*, um rapaz com o curso de theologia, a quem pouco falta para dizer missa. E lá anda, gordinho que elle é!—com a tonsura resguardada pelo bnonet militar, de arma em punho, a marche

marche, vertendo, como os demais, suór por todos os póros, emquanto o tambor rufa compassadamente, de trás da capella de S. João, um monótono *ran-ran-ran-ta-plan* a que só responde o echo da praça de touros, da qual, dentro em pouco, nada mais restará do que o espaço deserto...

* * *

A questão da pésca que deu que falar entre nós, e serviu a certa imprensa para dar vasante a considerandos mais ou menos dislatados, uns da propria lavra, outros de proveniencia extranha, paréce assumpto abandonado pela mesma patriotica e solicita imprensa.

Falou-se para ahi em representações ao poder central, mas, que nos conste, taes papeis não puzéram pernas a caminho.

No entanto, a commissão central de pescarias lá se está occupando do regulamento da pésca maritima, e tem entre mãos um relatorio sobre a pésca na Povoa do Varzim.

Os que pintaram com as côres tragicas do desespero e da miseria a situação em que *ia ficar* a classe piscatoria, dormem sobre o assumpto.

E dormem regaladamente, sem ser preciso cantar-lhes o:

Fóge, fóge, papão negro
Felizes creaturas!

* * *

Como se sabe,—pelo menos é de presumir que o saibam,—o actual ministerio intendeu dever prohibir o jogo.

Cascaes, porém, é que não está pelo negocio, e diz-se que vae representar para que a batota não seja prohibida nos casinos d'aquella praia.

Está claro.

A batotinha...

* * *

Affirmam alguns orgãos da imprensa que o ministerio está abalado.

A este respeito dizia um telegramma de Lisboa com data de 8:

«O ministro da fazenda não se intende nem com a pasta nem com os collegas, sobretudo com o sr. Hintze que não está d'accordo com o seu plano financeiro.

O ministro da guerra tambem está abalado. *Nemo* emprazado a submtter-se ao *veredictum* d'um tribunal militar, por causa da sua attitude de cobardia, sendo militar, vendo-se coagido a demittir-se do exercito, tem em cheque o titular da pasta. Demais o tenente-coronel demissionario é protegido por uma alta pessoa e aqui é que está o principal *busilis*.»

A *Folha do Povo*, de quarta-feira, dizia que o ministro das obras publicas pedira a sua demissão que lhe não foi acceite pelo presidente do conselho de ministros.

Todavia, o *nosso Janeiro* bate fé na sua carta da capital inserta no numero de quinta-feira, assegurando que tudo é infundado, pois que um ministerio com dois mezes apenas de existencia, não póde ir-se assim por agua abaixo... para dar entrada a *francaceos*.

Como quer que seja, nós esperâmos.

E a proposito de *Ninguem* ou de *Nemo*, vem a talhe de foice transcrever n'este logar o que o nosso presado collega *O Norte* diz no seu numero de sexta-feira, relativamente ao crime de cobardia de que este official é accusado:

«O caso do tenente-coronel sr. Fernando de Sousa, o *Nemo* do *Correio Nacional*, que, esbofeteado e insultado não se desaffrontou, está levantando controversias por parte de alguns nossos collegas da imprensa. Affigura-se-nos que o caso não é, pela parte d'alguem que especialmente se nos dirige, bem interpretado, porquanto o ministro da guerra não chama a conselho disciplinar aquelle official superior pelo facto de se não bater, visto como o duello é prohibido entre nós; mas por se não desaffrontar, como era seu dever, ao ser aggredido e insultado, como o deve fazer todo o militar, que presa a farda que enverga, e o brio do exercito a que pertence.

Quanto á demissão pedida pelo official, ella só deve ser attendida depois de responder, insistimos, pelo crime de cobardia, que é previsto e punido pelo codigo de justiça militar. Esta é a doutrina.»

E se não fosse esta a doutrina, qualquer funccionario se furtaria facilmente ás responsabilidades que lhe coubessem por irregularidades ou infracções disciplinares, commettidas quer no exercicio das suas funcções, quer na manutenção obrigatoria do respeito legalmente devido á sua posição social. Era só pedir a demissão, e tudo estava prompto.

Era bom, era!

E d'ahi, não teremos muito que admirar se se admittir a pratica d'este processo.

O céo não cairá, por isso, nem mesmo o Carmo, nem a Trindade.

ESCOLA DISTRICTAL

Publicâmos em seguida a relação dos alumnos que concluiram o seu curso no anno lectivo findo:

João dos Santos Patoilo, 15; Alexandre Nunes Vidal, 15; Adelino Gonçalves da Costa, 15; Antonio G. Pinheiro, 16; Antonio R. Godinho, 15; Alexandre A. de Macedo Vasconcellos, 17; Manuel T. dos Santos Lima, 10; Agostinho R. das Neves, 15; José R. dos Anjos, 15; José Lourenço Catharino, 10; Domingos M. de Carvalho, 10; Francisco A. da Fonseca, 10; Manuel de Miranda Paschoal, 10; e Jeronymo Jacintho Henrinques, 15.

Um camponio maltratava desapiedadamente um burro. Foi-se juntando gente que entrou de indignar-se.

— Seu desalmado! gritava um.

— Seu bruto! gritava outro.

O patêgo tirou respeitosamente a carapuça e voltando-se para o animal:

— Queira disculpar, senhor jumento, mas eu não sabia que vocemecê tinha tantos conhecidos cá na villa.

FALLENCIA

Acaba de se declarar fallido, ao que nos dizem, um cavalheiro muito conhecido n'esta cidade.

Ainda nos dizem que o referido cavalheiro, no requerimento em que apresenta a fallencia, declara que tendo-o o seu socio posto a pedir esmola, que vendo-se perseguido n'esta terra por um jornal que foi creado com o seu dinheiro, que não podendo satisfazer os encargos resultantes d'um accordo que n'um momento de loucura fizera com o seu ex-socio, se entrega nas mãos da justiça.

Pois uma vez que está entregue á justiça, digam todos da sua justiça.

Não sabemos qual foi o jornal que perseguisse ou qual é o que persegue o cavalheiro.

Nós, não. Não estamos resolvidos a perseguir senão aquelles *celebres mentores*, que sendo *mentores*, e ensinando o tal cavalheiro a escrever o referido requerimento, só teem em vista atacar deslealmente os seus inimigos, e vingarem-se assim de quem lhes censura a rapida passagem ao caminho das indignidades, onde procuram saciar os seus desejos de riqueza, sem a menor importancia pelos meios que põem em pratica. Não estamos resolvidos a perseguir senão aquelles *celebres cavalheiros* que se associam a patifes, que se valem das suas altas funcções e que assim conseguem tudo que desejam a bem do seu bolso, e só d'elle.

A esses, sim. A esses honrados *cidadões*, que chamam nomes feios aos outros, é que nós havemos de perseguir, e a valer, mas na occasião opportuna.

Nós, não, que sômos um periodico que tem vivido algumas vezes com o auxilio de varios, mas que nunca viveu com o auxilio exclusivo do cavalheiro. Auxilio exclusivo, quasi que só tem tido o dos seus actuaes redactores, que n'elle veem sacrificando centenas de mil réis ha muito tempo, só por amor da liberdade e da moralidade publica.

Não sabemos nada d'isso. Não sabemos mesmo nada de coisa nenhuma e nada diriamos sobre o assumpto se na comarca de Aveiro a justiça estivesse em boas mãos. Mas desde que é juiz de Aveiro um homem que absolveu a Beatriz Vieira e o caixeiro gatuno, tendo prova evidente dos seus crimes, um homem que n'uma acção commercial condemna o réo em todo o pedido e o auctor, que ganhou a questão, nas custas e sellos do processo; desde que é juiz em Aveiro o cidadão que pedia annos de prisão para o editor do nosso jornal de quem é inimigo feroz, e que não teve a dignidade precisa e sufficiente para indicar a sua suspeição n'um processo em que era réo um homem de quem é inimigo provado, o que bem mostrou com o facto que por vezes temos relatado e que se deu com o nosso amigo e honrado negociante Domingos Leite —o nosso dever é estar álerta e esclarecer a opinião publica.

E' ou não verdade que o cavalheiro em questão herdou de seu pae, ainda n'outro dia, 12 contos de réis em oiro?

E' ou não verdade que o cavalheiro em questão vendeu ha pouco papeis de credito no valor de 14 contos de réis?

Para onde foi esse dinheiro, se o cavalheiro ficou a pedir esmola, como diz?

Ficaria. Mas, se ficou, para onde foi aquelle dinheiro?

Entregou-o aos credores? Gastou-o em compromissos adquiridos?

Não consta.

E' certo que se fala em grandes dividas. Mas é certo tambem que essas dividas teem muito *que vêr* e que *deslindar*.

Toda a gente em Aveiro duvida d'ellas. Ha razão para duvidar? Não sabemos. Mas sabemos que se duvida. E isto é grave.

Estando o caso entregue aos tribunaes, sendo um caso publico, nós temos não só o direito, como o dever, de elucidar a justiça.

O cavalheiro em questão e os seus amigos teem-se fartado de chamar ladrões aos outros. Ora, n'estes casos, devem elles ser os primeiros a desejar que de cima d'elles se affastem todas as suspeitas.

Ha tres entidades gravemente interessadas e gravemente ameaçadas n'esta fallencia.

1.º—A mulher do fallido.

2.º—Os filhos legitimados do fallido.

3.º—Os credores reaes.

Ha credores phantasticos, ou ficticios, como se diz?

Quem são estes dignos cavalheiros?

Se ha credores phantasticos, se ha dinheiro arrecadado, quaes são as garantias da mulher legitima, dos filhos legitimados e dos credores reaes?

Como se vê, tudo isto é gravissimo.

Ou é mentira tudo quanto se diz, ou estamos em presença de um dos maiores escandalos que se teem dado em Aveiro.

Não dariamos curso ao que ahi fica se não fosse a forte suspeita deixada no nosso espirito pela circumstancia do cavalheiro declarar que o seu socio o deixou a pedir.

Ora a pedir ficou este. Os dois a pedir, achamos muito. Como achamos muito o cavalheiro atirar com todas as responsabilidades para cima do outro.

O cavalheiro, ou os seus mentores, foram n'isso pouco espertos. Porque esse é dos taes casos em que a prova pecca por excesso. Provaram de mais!

Então com quê, o outro deixou o cavalheiro a pedir! Mas porque foi então que o cavalheiro pediu a varios individuos de Aveiro que se confessassem seus credores ainda antes do socio ter posto ponto final na gerencia da fabrica?

Porque foi? Para que foi?

Isso prova-se, se necessario fôr.

Emfim, e em resumo, o que corre na opinião publica é isto:

1.º—Que o cavalheiro de que se trata vendeu papeis de credito na importancia de 14 contos de réis.

2.º—Que passou a papel 12 contos em oiro o que lhe deu 17 contos em papel.

3.º—Que apurou em productos da fabrica quantias importantes.

4.º—Que recebeu todas as rendas que poude cobrar adeantadamente.

5.º—Que não ha duvida nenhuma em que elle pediu a varios individuos, ha mezes, para se declararem seus credores.

Ora em face d'isto ha:

1.º—Uma mulher legitima.
2.º—Filhos legitimados.
3.º—Credores reaes.

A justiça que averigue para ficar cada um com os direitos e com as responsabilidades que lhe pertencem.

Não seja só chamar ladrões aos outros.

Temporaes

Um furacão terrivel desencadeou-se ha dias sobre toda a costa da Flandres. Em Bruxellas, os accidentes foram numerosos e os prejuizos consideraveis. Nos campos, os estragos são incalculaveis. Não ha, no paiz, memoria d'uma tempestade mais violenta.

No dia 4, á noite, o temporal foi precedido, no littoral, pelo phenomeno conhecido pelo nome de *mar phosphorescente*: dir-se-ia que o Oceano estava em fogo. As vagas, já encapelladas, eram intensamente luminosas. O espe-

---

(51) **FOLHETIM**

IVANHOÉ

ROMANCE POR WALTER SCOTT

CAPITULO XX

Continuae o vosso caminho, em nome do céo e de S. Dunstan, e não nos perturbeis nas nossas devoções, a mim e ao meu santo irmão.

— Frade maluco, replicou a voz de fóra, abre a Locksley.

— Não ha perigo, tudo vae bem, disse o ermita ao seu companheiro.

— Mas quem é? perguntou o Cavalleiro Negro; importa-me muito sabel-o.

— Quem é? replicou o ermita; basta-te saber que é um amigo.

— Mas que amigo? tornou o cavalleiro; porque um amigo teu póde não o ser meu.

— Que amigo? respondeu o ermita, ahi está uma pergunta que é mais facil de fazer do que de lhe responder. Que amigo? Ah! ainda não me tinha lembrado! é o honrado guarda de que te falei ainda ha pouco.

— Sim, um guarda tão honrado como tu és ermita devoto, replicou o cavalleiro. Não lhe ponho duvida. Mas abre-lhe a porta antes que elle a faça saltar dos gonzos.

Entretanto os cães, que a principio tinham feito um barulho infernal, pareciam agora ter reconhecido quem estava do lado de fóra; porque, mudando completamente de maneiras, começaram a esgaravatar na porta e a gemer como se intercedessem pela admissão de quem la estava. O ermita apressou-se a abrir a porta e Locksley entrou com os seus dois companheiros.

— Olá, ermita, exclamou logo o *yeoman* assim que viu o cavalleiro, quem é o alegre companheiro que tu cá tens?

— Um irmão da nossa ordem, respondeu o frade abanando a cabeça; nós passámos toda a noite a orar.

— E' um monge da egreja militante, creio eu, disse Locksley; andam muitos ahi por fóra. Eu venho dizer-te, frade, que tens de deixar o rosario e pegar no varapau ferrado; nós precisamos de todos os nossos bons companheiros, clerigos ou leigos.—Mas, accrescentou elle, tomando-o de parte, tu estás doido? Como recebes um cavalleiro que não conheces? Esqueces-te dos nossos artigos?

— Que eu não conheço! replicou o frade descaradamente. Conheço-o tão bem como o mendigo conhece a sua tijela.

— Então como é o seu nome? perguntou Locksley.

— O seu nome, respondeu o ermita, o seu nome é *sir* Antonio de Racha-Penedo. Como se eu bebesse com um homem sem lhe saber o nome!...

— Tu bebeste de mais esta noite, frade, e eu receio que tenhas tambem falado mais do que era necessario.

— Bom *yeoman*, disse o cavalleiro adiantando-se, não vos zangueis com o meu alegre hospedeiro. A hospitalidade que elle me concedeu ter-a-hia eu tomado á força se elle m'a houvesse recusado.

— A' força! exclamou o frade. Espera ahi, deixa-me mudar este habito escuro por uma casaca verde, e se eu não fizer zunir o meu varapau ferrado uma duzia de vezes sobre o teu toutiço, eu não seja um bom frade nem um bom caçador.

Emquanto assim falava, despiu o habito e appareceu de gibão e ceroulas de bucaxim preto; vestiu por cima uma casaca verde e umas bragas da mesma côr.—Ata-me as minhas *pontas*, disse elle a Wamba, e terás uma pinga de vinho pelo teu trabalho.

— Muito obrigado pelo teu vinho, disse Wamba; mas parece-te que eu tenho o direito de ajudar a transformar-te de um santo ermita n'um criminoso caçador furtivo?

— Não tenhas receio, respon-

ctaculo era simultaneamente atterrador e surprehendente. Ao romper d'alva, a ventania e a chuva desencadeiaram-se d'uma maneira assustadora, e a tempestade manifestou-se em todo o seu horror.

O serviço postal entre Douvres e Ostende desorganieou-se. Muitos barcos não poderam fazer-se ao mar, porque o perigo era imminente. Os sinistros devem ter sido numerosos. O proprio serviço ferro viario soffreu muito, citando-se mesmo um comboio cuja marcha foi consideravelmente retardada pelo temporal.

O schah da Persia

A proposito do attentado de que ia sendo victima o schah da Persia, lê-se no «Correio da Noite» o seguinte:

«Quando M. de Valles, o juiz instructor foi á Santé soube, logo á sua chegada áquella cadeia, que o preso não manitára surpreza alguma com as formalidades que o obrigaram a cumprir. Portou-se como quem estava n'um sitio conhecido, perfeitamente ao facto do regimen que o esperava. Mal entrou, sentou-se socegadamente.

«O juiz, com grande habilidade, travou conversa com elle, e teve a sorte de o encontrar em maré de confidencias.

«—Cuspi sangue esta noite. Não estou nada bom—disse elle.

«O magistrado fingiu ter pena e, depois, continuou:

«—Porque quiz você matar o schah da Persia? Porque o escolheu de preferencia a um outro?

«—Como é um soberano, para mim foi o bastante. Tentaria matar outro do mesmo modo; a questão era encontrar-me em frente d'elle. De resto, não era o schah que eu tinha resolvido matar, mas sim Casimiro Périer. Foi elle o causador das primeiras perseguições contra os acratas? Lembra-se, em 1894? Pois fui um dia a Pont-sur-Saine para o assassinar. Esperei-o uma tarde inteira, atraz d'uma sebe. Não passou. Então, aborreci-me e fui-me embora.

«—E porque Casimiro Perier? Elle agora está retirado da politica.

«—Porque é um grande inimigo da nossa causa!—disse com emphase o preso.

«—Você já foi condemnado?

«—Fui.

«—Porque?

«—?...

«—Não quer então dizer o seu nome.

«—Não.

«—Pois olhe. Nós já o sabemos. Você chama-se Francisco Salson.

«—Chamo, respondeu o acrata em voz baixa.

*

«Acredita-se que Salson estava acompanhado. Nos registos da policia já figurava como um acrata perigoso. Provando-se de maneira positiva que chegou a disparar o tiro contra o monarcha persa, póde ser condemnado á morte.

«O tiro falhou por que Salson, imaginando erroneamente fazer mais damno, limou, aguçando-o, o remate percutor. Diz-se que o gatilho ferira a capsula central.»

OS RESERVISTAS

As reservas que foram chamadas ao effectivo durante um mez para lhes ser ministrada a instrucção militar, teem feito exercicio no largo do Rocio, d'esta cidade. E, diga-se a verdade, em tão pouco tempo já estão muito adeantados. Parecem soldados feitos. Os seus commandantes teem sido incançaveis no seu ensino.

Lembramos ao sr. Commissario de Policia a conveniencia de mandar para o local do exercicio alguns guardas mais, para conservar o povo a distancia, senão, como se tem visto, estorvam as manobras.

A guerra

OS BOERS E OS INGLEZES

«Ainda não se prevê o fim da guerra,—escreve o «Heraldo de Madrid». Quando será?

«Note-se que não perguntamos qual será o seu resultado, porque sobre esse ponto não se podem admittir senão estas hypotheses: que a Inglaterra se cance de perder homens e dinheiro, ou que se lhe apresentem difficuldades que a obriguem a enviar um exercito a outro ponto, ou que nada d'isso succeda. Nos primeiros casos os boers poderão conservar, mais ou menos cerceada, a sua independencia; no ultimo succumbirão fatalmente.

«Por desgraça, todas as probabilidades são a favor d'esta ultima hypothese. A Inglaterra não se cança, como não desanimou ante os primeiros fracassos. Tem dinheiro de sobra, e os seus soldados não são tirados á força dos seus lares. Engajam-os os sargentos recrutadores, apresentando-lhes a effigie da rainha Victoria em bellos discos de ouro ou em prata de bom cunho. E as difficuldades que lhe surgem, por outro lado, não são bastantes para a obrigar a desistir dos seus propositos em Africa.

«Luctam, pois, desesperadamente Kruger, Dewet, Olivier e tantos outros caudilhos boers, merecendo a admiração da historia e nada tem, por conseguinte, de extranho que aquelle dos seus compatriotas que não teem a tempera de alma necessaria para combater só pela honra, sem esperanças de triumpho, cedam á poderosa suggestão ingleza,—talvez ás cargas da cavallaria de S. Jorge, que é como já alguns chamam ás libras sterlinas.

«Mas, para os que, n'esta questão, julgam mais segundo um ponto de vista esthetico do que inspirando-se no frio raciocinio, é na verdade grandioso o espectaculo d'essa lucta sem esperança!»

FOLHAS SOLTAS

ONDAS E TRÉVAS

Lá caiu um homem ao mar.

Que importa?

O navio segue ávante.

Bafejado do vento, continúa a sua derrota forçada.

Não póde deter-se.

E o homem desapparece, um instante depois torna a apparecer, mergulha e sobe á flôr da agua, chama, estende os braços, não o ouve ninguem.

O navio, balouçado pelas vagas, obedece ao impulso da manobra que o dirige; equipagem e passageiros nem sequer divisam já o homem submergido; a cabeça do infeliz é apenas um ponto escuro na immensidade das ondas.

E as concavidades do espaço retombam com os gritos desesperados do mesquinho, ao ver o espectro d'aquella véla que lhe foge.

Contempla-a, crava n'ella os olhos com phrenesi.

E ella affasta-se, vae decrescendo, vae-se esfumando, confundida no ambiente nebuloso do horisonte.

Ha pouco ainda que elle ia dentro d'esse navio, que fazia parte da sua equipagem, que passava no convez com os outros, que tinha a sua parte de respiração e de sol, que era vivo.

Agora, que foi que succedeu?

Escorregou, caiu, precipitou-se irremediavelmente.

Eil-o em lucta impotente com a voracidade do medonho golphão.

Tenta firmar os pés e não acha um ponto de apoio; estende os braços e não encontra a que se apegar.

Agua por baixo d'elle, agua em roda d'elle, agua por cima da cabeça, agua por todos os lados!

As vagas encobrem-o, saccudidas pelo vento em pavorosos escarceus; as ondulações impetuosas e desencontradas do abysmo fazem d'elle seu ludibrio; a espuma das ondas fustiga-lhe a cara, como se fôra a calva d'este vulcão liquido, como se fôra um escarro de pungente ironia atirado ás faces do infeliz por aquelle povoleu de vagas indomitas; a cada passo o dragão immenso abre as fauces de chofre, e subverte-o e devora-o; e elle, de cada vez que mergulha, avista precipicios de trévas cerradas; medonhas vegetações desconhecidas o enleiam, emmaranham-se-lhe nos pés, o attrahem para si: sente que se torna um abysmo, faz parte da espuma, as vagas trazem-no aos repellões, bebe a amargura, o Oceano porfia cobardemente do intento de o afogar, a immensidade zomba de tanta agonia.

Parece que toda aquella agua se encarniça n'um odio descommunal contra elle.

E elle luctando sempre!

O infeliz tenta defender-se, tenta suster-se, esbraceja, debate-se, nada, arcando e combatendo com o inexhaurivel, elle, pobre força de prompto exhaurida.

Onde vae, porém, o navio?

Além.

Mal se avista já por entre as trévas do horisonte.

Sopra o vento ás lufadas; enroscam-se n'elle mil serpentes liquidas.

Alça os olhos, não avista mais que a lividez das nuvens que pairam ao de cima e em volta d'elle.

Presenceia agonisante o immenso delirio do mar, e a victima d'essa demencia é elle.

No meio da sua angustia ouve ruidos estranhos ao homem, que parecem vir de não sei que terrivel região de além da terra.

Por entre aquellas nuvens pairam aves, como os anjos por cima dos infortunios humanos; mas que podem ellas fazer-lhe?

Vôam, cantam, fendem os ares, e elle agonisa, vê-se sepultado por dois infinitos ao mesmo tempo; Oceano e Ceu; um é sepulchro, outro mortalha.

Desce a noite.

Já as forças lhe escasseiam, porque ha umas poucas d'horas que nada; o navio, esse vulto longinquo em que havia homens, esvaeceu-se de todo; elle, o infeliz, jaz só no meio da pavorosa voragem crepuscular; mergulha, debate-se, sente-se por baixo d'elle os monstros impalpaveis do invisivel.

Chama.

Ninguem lhe responde.

Nem um só homem ha alli que ouça.

Mas Deus?

Chama.

Alguem! alguem!

Continúa a chamar.

Nada no horisonte nada no ceu.

Implora a extensão, as vagas, a alma, o escolho; é tudo surdo.

Supplica a tempestade; a tempestade, imperturbavel, só obedece ao infinito.

Em torno d'elle escuridão, nevoa, solidão, tumulto tempestuoso e inconsciente redemoinhar incessante das aguas desertas.

N'elle horror e extenuamento.

A seus pés o abysmo incommensuravel e nada a que deitar a mão para suster-se na quéda.

Cogita nas tenebrosas aventuras do cadaver no meio da escuridão illimitada.

Paralysa-o o frio sem fim. Crispam-se-lhe as mãos, fecha-as e apanha o nada.

Ventos, nuvens, turbilhenes, Infadas, estrellas, inuteis!

Que fará o mesquinho?

Quem está cançado resolve-se e morre.

Entrega-se sem esperança á descripção, deixa-se ir, põe termo á sua lucta impotente, deixa-se arrastar, deixa-se balouçar, e eil-o que para sempre róla pelas lugubres profundezas da voragem, que o submerge.

O' impiedosa marcha das sociedades humanas, em que se não dá attenção aos homens e ás almas que se vão perdendo, Oceano que absorve sem remedio quanto a lei deixa cair!

Sinistra desapparição de soccorro!

O' morte moral!

O mar é a inexoravel escuridão social a que a penalidade arremessa os seus condemnados.

O mar é a immensa miseria!

A alma que cae a este golphão póde tornar-se cadaver!

Quem a resuscitará?

V. Hugo.

VÃO VENDO

O tribunal de Vendéa acaba de condemnar a tres annos de prisão o cura Blanchet, de cincoenta annos, por attentar contra o pudor de uma menor de 7 annos.

Blanchet, que nos annos de 91 a 92 ensinava o cathecismo na egreja de Nossa Senhora de Riez, commetteu numerosos attentados que ficaram impunes, mas nos ultimos mezes de 99, voltando á mesma egreja, exerceu contra a pequenina Bertha Tisson uma violencia repugnante.

A avó da innocente, que a viu regressar a casa perturbadissima, teve conhecimento da infamia e denunciou-a á gendarmeria que levou o caso para o tribunal.

Blanchet negou impudentemente, mas as dezenove testemunhas que depozeram revelaram pormenores tão escandalosos que o tribunal condemnou o abominavel cura.

ALVARO DE MORAES FERREIRA

MEDICO

Consultas das 10 ás 12 horas da manhã e das 2 ás 4 horas da tarde.

Chamadas a qualquer hora do dia ou da noite.

Largo do Rocio, 42 a 44

ANNUNCIOS

Bicycletas

Domingos Luiz Valente d'Almeida, vende e aluga bicycletas da marca «PEGO».

16—Rua da Corredoura—18

AVEIRO

NOVA ALQUILARIA

DE

MANUEL PICADO & PEREIRA

(Antiga casa de Fernando Christo)

N'esta casa continúa a haver carros de aluger, servindo-se os freguezes com a maior regularidade e economia de preços.

Previnem os seus amigos e freguezes que brevemente vão estabelecer carreira diaria para a Costa Nova.

Rua da Alfandega

AVEIRO

deu o ermita; eu confessarei ao meu habito de frade os peccados da minha casaca verde e tudo ficará perfeitamente.

— Amen! disse o bobo; um vestido largo deve tomar por confessor um vestido apertado, e o vosso habito póde ainda por cima absolver o meu saio serapintado.

Assim falando ajudava o frade a atar as suas numerosas *pontas*, que assim se chamavam os laços que prendiam as bragas ao gibão.

Durante essa operação Locksley chamou o cavalleiro de parte e dirigiu-se-lhe n'estes termos:—Não podeis negar, *sir* cavalleiro, que fostes vós quem decidiu a victoria para o lado dos inglezes contra os estrangeiros no segundo dia do torneio em Ashby.

— E se assim fosse o que aconteceria, bom *yeoman?* replicou o cavalleiro.

— N'esse caso, replicou o *yeoman*, eu considerar-vos-hia um defensor dos fracos.

— Tal é pelo menos o dever de um bom cavalleiro; e eu nunca desejarei que se possa julgar de mim outra coisa.

— Mas para o meu intento convém que sejas tão bom inglez como bom cavalleiro; porque o negocio de que tenho a falar-te importa com effeito, não só a todos os homens honestos, mas muito especialmente a todos os verdadeiros filhos da Inglaterra.

— Não podieis dirigir-vos a ninguem, replicou o cavalleiro, que se interesse mais do que eu pela Inglaterra e pela vida de todos os inglezes.

— Tenho muito gosto em acredital-o, respondeu o *yeoman*, porque nunca esta região precisou mais de ser defendida pelos que a estimam. Ouve-me, pois, que eu vou dar-te parte de uma empreza, na qual, se és realmente o que pareces, pódes representar um papel honroso. Um bando de villões, disfarçados com o trage de homens que valem mais do que elles, deitaram as mãos á pessoa de um nobre inglez chamado Cedric o Saxão, assim como á sua pupilla e ao seu amigo Athelstane de Coningsburgo, e levaram-nos para um castello que ha n'esta floresta chamado Torquilstone. Agora pergunto-te: como leal cavalleiro e bom inglez, queres ajudar-nos a libertal-os?

— Sou obrigado a isso pelos meus votos, replicou o cavalleiro; mas desejo saber quem sois vós, que reclamaes o meu auxilio em seu favor.

— Eu sou um homem sem nome; mas sou amigo do meu paiz. Tendes de vos contentar por emquanto com este esclarecimento a meu respeito, tanto mais que vós mesmo tambem não quereis dar-vos a conhecer. Mas acreditae que a minha palavra é tão sagrada como se eu usasse esporas d'ouro.

— Não tenho duvida em o acreditar, disse o cavalleiro. Eu estou habituado a lêr nas physionomias dos homens e na tua leio honestidade e resolução. Não desejo, pois, fazer-te mais perguntas e ajudar-te-hei a pôr em liberdade esses prisioneiros; depois d'isso espero que nos conheceremos melhor e que ficaremos satisfeitos um com o outro.

— De maneira, disse Wamba a Gurt,—porque tendo-se o frade acabado de arranjar, o bobo approximara-se do outro lado da cella e ouvira o fim da conversa—de maneira que temos um novo alliado? Eu tenho fé em que o valor do cavalleiro será de melhor qualidade do que a religião do ermita ou a honestidade do *yeoman;* porque este Locksley parece-me um verdadeiro caçador furtivo e o frade um valente hypocrita.

(Continúa.)

AO COMMERCIO E AO PUBLICO

ALBINO PINTO DE MIRANDA, gerente da casa de Manuel José de Mattos Junior—o MANUEL MARIA—d'esta cidade, faz publico que sendo agente d'uma casa commercial de Lisboa, tem para vender em boas condições para o commercio **café crú de diversas marcas, café torrado em grão e moido, avulso e empacotado,** por preços muito baixos, rivalisando com vantagem com as casas congeneres do Porto. As vendas são a praso, e sendo a prompto pagamento têm desconto.

Na casa de que é gerente, além dos generos acima mencionados, vendidos ao publico com muita vantagem, tem em saldo uma grande quantidade de louça de Sacavem que vende com 15 p. c. de desconto da tabella da fabrica e alguma com 20 p. c. Tem o deposito dos vinhos da Companhia Vinicola, composto de todas as marcas, não exceptuando o bello *Champagne*.

Ha tambem vinhos de outros armazens do Porto, das marcas mais acreditadas, por preços rasoaveis, fazendo grandes descontos para revender.

Deposito de adubos chimicos para todas as culturas e por preços vantajosos.

Armazem de vinhos da Bairrada, que vende a 60 réis o litro, tinto; branco a 100 e 200 reis, sendo para consumir em casa do freguez.

Tem mercearia bem sortida. Vende sulfato de cobre e de ferro, chumbo para caça (pelo preço do Porto, sendo por caixa de 30 kg.), bolacha e biscoito das principaes fabricas do paiz, conservas e massas alimenticias, petrechos para caçadores e objectos para escriptorio, aguardente de vinho, cereaes e alcool, com grandes descontos para revender, e muitos outros artigos impossiveis de mencionar.

Encarrega-se da compra ou venda de qualquer mercadoria mediante commissão.

Rua Direita (Largo do Manuel Maria)

AVEIRO

FERRAGENS, zinco, chapa zincada, chumbo em barra e em pasta, estanho, prégos, parafusos, pás de ferro, arame zincado, tintas preparadas e em pó vernizes, oleo, aguarraz, alcool, brochas, pinceis, cimento sulfato de cobre e de ferro, chloreto, enxofre, gesso de estuque, vidraça, telha de vidro, chaminés e torcidas para candieiros, papelão, artigos de mercearia e muitos outros.

A' venda no estabelecimento de

Domingos José dos Santos Leite

RUA DO CAES

AVEIRO

Azeite do Douro

NINGUEM compre sem visitar o Armazem da Bandeirinha, á rua das Barcas; pois é alli onde se vende o puro azeite, por junto e a retalho.

Preços convidativos.

Desconto aos revendedores.

ROLÃO PALMA

ESTA farinha muito mais barata e superior do que qualquer outra para a engorda de porcos, gado vaccum, galinhas, etc. etc. vende-se unicamente no estabelecimento de José Gonçalves Gamellas.

Praça do Peixe—AVEIRO

BARRA — PHAROL

OS srs. banhistas d'estas praias encontram na loja da Cambeia, do Arthur Paes, os mais necessarios generos comestiveis, taes como feijão, massa, batata, toucinho, manteiga de porco, queijo da serra, etc. E ainda o tal *biscoito d'Aveiro*,—e o biscoito de leite, que só se vende e faz n'esta casa.

VINHO DE MEZA:—o genuino vinho de meza, limpido, dromatico, levemente taninoso, o que constitue o verdadeiro typo se vinho para meza, tambem se vende no mesmo estabelecimento, com as vantagens manifestas dos srs. banhistas terem ao pé da porta vinho bom e a preço modico.

Levam-se amostras a quem as pedir.

TYPOGRAPHIA

DO

POVO DE AVEIRO

Encarrega-se de fazer com a maxima perfeição e economia todos os trabalhos de impressão, taes como: cartões de visita, participações de casamento, mappas, facturas, livros, jornaes, etc, etc.

RUA DE S. MARTINHO

AVEIRO

GRANDE NOVIDADE LITTERARIA

Os Mysterios da Inquisição

POR

F. GOMES DA SILVA

Obra illustrada a côres por Manuel de Macedo e Roque Gameiro.

Cada fasc. de 48 pag., papel de luxo, magnificamente impresso em typo elzevir e com uma formosissima estampa a 12 côres—120 réis.

Nos *Mysterios da Inquisição* descrevem-se horrores que agitam afflictivamente a alma, scenas que fazem correr lagrimas, escalpellam-se figuras d'outros tempos, encadeiam-se acontecimentos dispersos e tenebrosos, fustiga-se a hypocrisia, enaltecem-se as grandes virtudes, faz-se rebrilhar a verdade e põem-se em relevo todos os personagens que entram n'este grande drama, em que vibram commoções da maior intensidade e affectos do mais exaltado amor.

Precioso brinde a todos os senhores assignantes: Uma magnifica estampa esplendidamente colorida, medindo 0,55×0,44, a qual representa uma das scenas cuja recordação ainda hoje nos é grata e que o nosso coração de portuguezes ainda não pode olvidar.

Os pedidos de assignaturas pódem ser feitos á *Companhia Nacional Editora*—Secção Editorial—Largo do Conde Barão, 50, Lisboa—ou aos seus agentes.

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA

DE

Manuel Rodrigues da Graça

R. DA ALFANDEGA

NESTE estabelecimento encontra-se vinhos finos desde 240 réis para cima; arroz da terra e estrangeiro. Tem tambem um variado sortido de bolacha das principaes Fabricas de Lisboa e Porto, que vende por preços excessivamente baratos.

ATELIER DE ALFAETERIA

DE

Joaquim Ferreira Martins

(O GAFANHÃO)

R. da Costeira—AVEIRO

ESTE antigo e acreditado estabelecimento de alfaeteria encarrega-se de fazer com a maxima perfeição e barateza fatos para homem e creança, o que para isso tem um lindo sortimento de fazendas proprias para verão.

Espera tambem por estes dias um grande sortimento de fazendas, o que ha de mais moderno, para a estação do inverno.

Como está tambem para chegar a epoca dos varinos já tem para isso as fazendas encommendadas.

Ficam d'isto prevenidos os nossos freguezes e amigos.

Vinho de Bucellas

VENDE-SE a 160 réis a garrafa no estabelecimento de

José Gonçalves Gamellas

Praça do Peixe—AVEIRO

Previne o publico que só afiança a qualidade do vinho vendido no proprio estabelecimento, para evitar que vendam com a mesma marca outra qualidade de vinho

---

ARMAZENS

DA

BEIRA-MAR

DE

MANUEL GONÇALVES MOREIRA

PRAÇA DO COMMERCIO, 19 A 22

R. DOS MERCADORES, 1 A 5

AVEIRO

D'aqui levarás tudo tão sobejo
(Luz. Cam.)

Preços fixos — VENDAS SO A DINHEIRO

CONFECÇÕES: Fazendas de novidade de lã, linho, seda e algodão.

Camisaria, gravataria, livraria, papelaria e mais objectos de escriptorio. Officina de chapelaria. Chapéus para homem, senhora e creanças. Centro de assignatura de jornaes de modas e scientificos, nacionaes e estrangeiros.

Importação directa de artigos da Madeira: obra de verga, bordados, rhum e vinho (qualidade garantida).

Unico deposito dos vinhos espumosos da Associação Vinicola da Bairrada.

Representante da casa Beirão, de Lisboa, encarrega-se de mandar vir byciclettes **Clement** e machinas de costura **Memoria**, bem como todos os accessorios para as mesmas.

Louças de porcelana, quinquilharias, bijouterias, perfumarias (importação directa).

Flôres artificiaes e corôas funerarias.

Ampliações photographicas. Encadernações.

N. B.—Não se aviam encommendas que não venham acompanhadas da respectiva importancia.

FABRICA A VAPOR

DE

MOAGEM DE TRIGO E MILHO

DE

Manuel Homem de C. Christo

Vendas de farinhas, e sêmeas

Compras de milho, e trigo, tanto por junto como a retalho

RUA DA ALFANDEGA

AVEIRO

OFFICINA DE CALÇADO

DE

João Pedro Ferreira

AOS BALCOES — **AVEIRO**

NESTA antiga e acreditada officina de calçado executa-se com toda a perfeição tanto para homem como para senhora e creanças toda a qualidade de calçado o que ha de mais chic.

Garante-se a solidez e economia de preço.

José Gonçalves Gamellas

A' PRAÇA DO PEIXE

N'este estabelecimento encontra-se á venda o apreciado **Vinho de Bucellas** importado directamente de casa do lavrador.

A 160 RÉIS A GARRAFA

SAPATARIA AVEIRENSE

DE

Marques d'Almeida & Irmão

AOS BALCÕES

Garante-se a perfeição e solidez. Preços modicos